



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 14 DE JANEIRO DE 1997

*Senhor Senador Teotônio Vilela, nosso Presidente; Deputado Montoro;
Senhores Governadores; Ministros; Companheiros e Companheiras,*

Em primeiro lugar, para quem está exercendo as funções de Presidente da República, receber o calor dos seus companheiros é o que reanima. E esse calor reanima tanto mais quanto o que já disse, e quero repetir, aqui: o PSDB, exatamente porque tem a consciência do momento que nós estamos vivendo e pelas razões que já foram expendidas pelo Presidente do partido, assim como pelo que foi lido pelo Deputado Franco Montoro, tem sido o partido que, nesta aliança que nós constituímos, teve que ceder mais. Cedeu, muitas vezes em situações quase de injustiça, diante da desproporção do peso político, para que nós pudéssemos manter a governabilidade.

E eu sou reconhecido ao PSDB. Sou reconhecido pelo fato de que o PSDB entendeu que, acima de tudo, está o Brasil. E entendeu que, quando o Presidente da República, assim como os governadores ou aqueles que detêm posições executivas, incluem, nas nossas bases políticas e administrativas, setores que, muitas vezes, localmente se opõem

ao PSDB. Isso é feito porque nós temos um pensamento maior, que é o pensamento no Brasil.

Nós não somos um partido de desesperados, de afogados, que queremos nos agarrar a qualquer parcela de poder. Nós somos um partido que constrói condições de poder, para realizar as transformações de que o povo necessita.

Todos sabemos que nós ganhamos as eleições numa situação muito especial, em que até mesmo, em certas circunstâncias, algumas alianças poderiam ter sido dispensadas. Não foi essa a posição do PSDB. Nós buscamos alianças independentemente da vitória eleitoral, porque nós temos consciência de que, numa democracia, é preciso que se formem amplas maiorias, para que as reformas possam ter curso.

Nós não estamos vivendo um momento qualquer da nossa história. Nós estamos vivendo um momento de grandes transformações. E as grandes transformações, dentro da democracia, não se fazem pela vontade de um homem, não se fazem pela vontade de um só partido. Elas se fazem pela capacidade que possamos ter de juntar forças, para que o conjunto da população sinta que as modificações são necessárias.

Por isso mesmo, assim que assumimos o governo, buscamos ampliar a nossa base política. Somos humildes. Nós sabemos que essa base política é essencial. Nós nunca desconsideramos nenhum partido que está conosco e, tampouco, os que estão contra nós, na condição de que estejam claramente contra, como muitos estão. São adversários. Mas, nós nunca desconsideramos os que são nossos aliados. Nós precisamos deles e continuamos a precisar deles. Queremos a presença deles. Queremos até ampliar a presença daqueles que nos poderão ajudar a caminhar, e caminhar cada vez mais.

A única maneira pela qual um partido, como o PSDB, pode atuar nessas circunstâncias não é pela sua força numérica. É por uma força muito mais difícil, pela convicção das suas teses. O PSDB cresce quando crê, cresce quando briga, cresce quando defende, com convicção, as posições tomadas. É essa a nossa característica.

Há tempos, costumava-se dizer que, quando começavam a falar dos tucanos, naquela época, nós estávamos no muro. Que muro bom, hein?

Quando se falava dos tucanos, apesar de que alguns, como o Governador Mário Covas, que é recordista nacional de votos para o Senado, diziam que o PSDB era um partido que não tinha vocação para o voto. Nós, em vez de sairmos correndo em busca do voto a qualquer custo, fizemos o oposto. Nós defendemos nossas idéias. E porque nós defendemos nossas idéias, nós ganhamos.

Agora é a mesma coisa. Nós temos que ter a força das idéias, a capacidade de briga, de política, de enfrentar, de defender com argumentos. E assim se forma, realmente, aquele conjunto necessário e capaz de produzir as mudanças no Brasil. Hoje, a população sabe que nós temos essa capacidade de transigência, de intransigência na convicção, de transigência na composição das forças necessárias, de paciência, de compreensão.

E, também, sabemos muito bem que ninguém é insubstituível. Ninguém é insubstituível. O PSDB tem muitos dirigentes que poderão estar aqui, na Presidência da República. E alguns estarão, um dia, na Presidência da República e, quem sabe, até de outros partidos.

Mas a questão da reeleição não se coloca em termos da “insubstituibilidade” do Presidente. Coloca-se de outras maneiras. Coloca-se pelas razões aqui apontadas, porque é um direito de escolha. Custou-me muito até mesmo aceitar a discussão para evitar aquilo que sempre quis evitar: a confusão entre uma tese, que, por convicção, dadas as condições de hoje – porque na história é sempre assim –, em que houve um amadurecimento, em que se formou uma opinião pública, em que existe liberdade ampla, uma tese que se impõe com o que, em algum momento, chamei de “fulanização” da tese, a mistura da tese com a reeleição do atual ocupante do cargo.

Por isso, me rebelei recentemente contra algumas tentativas de confundir, como se a tese da reeleição fosse uma vocação do atual Presidente e um impulso psicológico do atual Presidente. Não se trata disso. Trata-se, efetivamente, da abertura de um espaço institucional, para que o eleitor possa escolher aquele que virá a ser o Presidente da República.

A “fulanização” se dá por uma razão que nos enche a nós, peessedebistas, de orgulho. É porque eles têm medo, hoje, de nós mesmos. Se

acreditassem que alguém, amanhã, poderia estar aqui... Deveriam acreditar, com convicção, que é a mesma que nós temos, para poder brigar com coragem. Mas, como não, se escudam em qualquer argumento para dar a impressão ao País de que quem quer permanecer no poder é o Presidente Fernando Henrique. E, ao dizer isso, encontram o quê, no povo? Apoio a essa “fulanização”. E isso irrita.

Mas nós, do PSDB, sabemos, perfeitamente, que a coincidência é momentânea e temos que lutar muito para que, no momento da eleição, assim esteja a disposição popular. E, se não estiver assim, que seja outro do PSDB, que tenha condição de substituir o atual Presidente. Se não for possível outro do PSDB, que seja outro, de um partido aliado ao nosso e que tenha a mesma visão, porque nós somos pessoas de convicção.

As coisas têm que ser postas e repostas com muita clareza, para evitar que haja um empobrecimento das discussões. O PSDB tem mantido o cuidado, em todas as suas manifestações, de discutir essa questão, não se esquecendo nunca da responsabilidade que nós todos temos, de que isso é um tema institucional.

Nós não estamos, aqui, simplesmente buscando espaços para o PSDB. Nós estamos buscando a criação de condições, para que a democracia dê mais um passo e para que, ao dar esse passo, nós possamos, nós, do PSDB, ter mais uma opção, que analisaremos no momento oportuno, se é ou não a opção correta.

Mas, dito isso, eu acredito que nós podemos marchar com muita serenidade, com muita vontade para os embates que serão travados no Congresso Nacional. Eu sou muito respeitador do Congresso Nacional. Eu nunca levantei teses capazes de ladear o Congresso Nacional, porque eu acho que o Congresso precisa assumir a sua responsabilidade.

E, para o Congresso assumir a sua responsabilidade, ele tem que sentir, em sintonia com o povo, que o momento é agora. O País todo sabe que essa questão tem que ser decidida. Nós não podemos postergar a reforma da Previdência, a reforma fiscal e a reforma administrativa e ficar discutindo se obstrui ou não, com temores de que fulano ou beltrano possa vir a ser beneficiado com uma decisão.

Para que o Congresso possa, como eu quero, exercer na plenitude a sua capacidade decisória, ele tem que decidir. Eu não concordo nunca com postergações, depois que as questões estão maduras, assim como não concordo que se precipitem questões que não estão maduras.

Se não se votou no ano passado, foi em respeito ao PMDB, que tinha uma proibição convencional. Não foi por qualquer manobra menor, para fazer coincidir com eleições disso ou daquilo, para que se avançasse numa porção de poder congressional.

Mas, já há algum tempo, a tese estava madura. E, como eu não consegui fazer avançar mais as reformas – e os que são livres e aqui estão sabem que nunca deixei de falar delas como leis importantes para o Brasil –, formei a convicção de que há que se decidir essa questão, e o momento é agora.

Nós vamos marchar para decidir a questão no corpo-a-corpo, no Congresso, mas sobretudo na rua, com a força das ruas. Eu me recordo de uma frase que o Senador Montoro utilizou, na formação do PSDB, que nós tínhamos dito em algum momento: é que nós formamos um partido que estava próximo do clamor das ruas e que não ia se aninhar nos palácios, com tranqüilidade. É a rua que nos quer, hoje.

Hoje, o PSDB é a tese que nós levantamos. É uma tese que tem eco na população. E o Congresso sabe disso. E porque sabe disso, eu não temo os arreganhos de A, de B ou de C, porque o arreganho de qualquer brasileiro que tenha posição de comando, inclusive o Presidente, tem menos força que a voz rouca das ruas. Rouca, porque fala. Não é mais a voz muda das maiorias silenciosas. Hoje, são as vozes roucas dos que falam o tempo todo para dizer o que querem. E, como não são sempre ouvidos, têm que falar mais, e mais, e mais. Mas nós estamos ouvindo as vozes das ruas. E nós vamos avançar.

Eu quero terminar agradecendo ao partido, agradecendo a essa manifestação, reiterando que sou reconhecido ao enorme esforço das bancadas do PSDB na Câmara Federal, no Senado Federal, nas Assembléias Estaduais, aos vereadores, aos governadores, que têm sido de uma prestância total para com o partido e para com o Presidente da República, e, sobretudo, aos militantes, aos anônimos mili-

tantes do PSDB, que têm permitido essa teia que une o partido à população.

E, ao terminar agradecendo aos senhores e às senhoras, quero dizer que continuamos firmes na briga. Ouvindo a rua e, sobretudo, fazendo com que os nossos parlamentares, no Congresso, sejam capazes de ampliar a sólida maioria que temos e que, em semanas breves, tudo isso se traduza em voto na urna. E que esse voto seja correspondente à vontade do País.

Muito obrigado.